

A Companhia das Ilhas apresenta

Minima Azorica. O meu mundo é deste reino

Onésimo Teotónio Almeida



Apresentação

Mais do que um lugar “de onde”, os Açores foram-me sempre um lugar “onde”. Costumo dizer que não emigrei, só alarguei fronteiras, tanto para oriente como para ocidente. Por isso as margens do Atlântico se me aproximaram e fizeram um rio. A ida para Lisboa e, poucos anos depois, para os EUA, fez-me dar conta de um generalizado desconhecimento do meu arquipélago, mesmo de realidades tão simples como a sua geografia. Vicissitudes diversas levaram-me a embrenhar-me no estudo da cultura açoriana e, de modo especial, da sua produção literária. Daí o ter criado um curso na Brown University sobre Literatura Açoriana que é, afinal, um mergulho na cultura dos Açores através da sua literatura – tema também de um simpósio por mim organizado em 1983, cujas actas coordenei em “Da Literatura Açoriana – Subsídios para um balanço” (1986). No mesmo ano publicara “A Questão da Literatura Açoriana – Uma revisitação” e coordenara ainda “The Sea Within – a selection of Azorean Poetry”, traduzida por George Monteiro. Em 1989, publiquei “Açores, Açorianos Açorianidade – um espaço cultural” (reeditado em edição alargada em 2011). Também em 2010 saiu “Açores, Europa – uma antologia”. No “Seio Deste Amargo Mar” (1991) põe em teatro a questão da identidade açoriana.

O presente volume recolhe os principais escritos açorianos em português desde 1989.



COMPANHIA
DAS ILHAS

Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3
9930-149 Lajes do Pico, Açores, Portugal

TM +351 912 553 059 / +351 917 391 275
TEL +351 292 672 748

www.companhiadasilhas.pt
companhiadasilhas.lda@gmail.com

Excerto

O título e subtítulo deste volume vivem há muitos anos à espera. A reunião dos principais textos açóricos escritos ao longo de vinte anos (1994-2014), conforme as circunstâncias de uma vida aos pedaços repartida, seria a maneira de salvá-los do esquecimento total, uma vez recuperados entre as capas de um livro. Mas essa era apenas uma ideia remetida para as calendas gregas do futuro, da eterna espera do tempo que há-de vir e se esvai sempre, triturado em parte a escrever mais um ensaio e outro e outro para aqui e para ali. Não fora o convite do Carlos Alberto Machado da Companhia das Ilhas a desafiar-me, e eu não teria consumido alguns de outro modo gostosos dias de férias entre a Marisol e a Fonte da Telha (nos Açores seria

impossível estragar o tempo da ilha em volatilidades destas) na revisão deles.

Os autores feitos tema destes textos estão todos mortos, todavia são ainda-vivos. Fazem parte do cânone literário e do imaginário açórico. E foi essa, por facilidade, a linha demarcatória da minha recolha. De fora ficaram muitos outros textos sobre autores ainda no meio de nós, vivos e intervenientes, oxalá que por muitos anos. Tal como já fizera na peça *No Seio Deste Amargo Mar*, em que pus à conversa na Casa dos Açores da Atlântida figuras tutelares da história cultural açoriana, também aqui só convivo com os mortos (convém, porém, notar que várias das personagens da peça desapareceram do meio de nós depois da sua publicação).

Ficha técnica

Género: Ensaio

Ano: 2014

Colecção: transeatlântico

Número de edição: 45

ISBN: 978-989-8592-51-4

Dimensões: 14x22 cm

Nº de páginas: 232

PVP: 15 €

Onésimo Teotónio Almeida

Pico da Pedra, S. Miguel, 1946.

Estudou no Seminário de Angra do Heroísmo, bacharelou-se na Universidade Católica de Lisboa. Desde 1972 nos Estados Unidos, fez mestrado e doutoramento em Filosofia na Brown University, onde é catedrático no Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros (foi seu director durante doze anos), no Wayland Collegium for Liberal Learning Renaissance and Early Modern Studies da mesma universidade, leccionando cursos interdisciplinares sobre valores e história cultural e das ideias. Além de vários livros de ensaios, tem centenas de artigos dispersos que ultimamente tem reunido em volumes temáticos: *De Marx a Darwin – a desconfiança das ideologias* (2009, Prémio Seeds of Science 2010 para Ciências Sociais e Humanidades), *O Peso do Hífen. Ensaios sobre a experiência luso-americana* (2010)

e *Pessoa, Portugal e o Futuro* (2014). Publicou ainda *Utopias em Dói Menor – Conversas transatlânticas com Onésimo*, conduzidas por João Maurício Brás (Gradiva, 2012).

No género de crónica e conto, as suas mais recentes colectâneas são *Quando os Bobos Uivam* (Clube do Autor, 2013), *Aventuras de um Nabogador – Estórias em Sanduíche* (Bertrand, 2007) e *Livro-me do Desassossego* (Temas e Debates, 2006). *Onésimo. Português Sem Filtro* (Clube do Autor, 2011) é uma antologia de cinco livros esgotados.

Colaborador permanente do *Jornal de Letras*, é membro da Academia Internacional de Cultura Portuguesa e da Academia da Marinha e Doutor Honoris Causa pela Universidade de Aveiro.



Leituras, notas críticas

Minima Azórica: O meu mundo é deste reino, o novo livro de ensaios de Onésimo Teotónio Almeida, é exactamente essa nota melódica e suave como que num trilho musical que agora nos acompanha numa caminhada mais ou menos serena, entre terra e mar, entre passado e presente, entre formas de dizer ideias, e de ideias que dizem do nosso lugar no mundo, em Portugal ou a partir de Portugal. Não tem sido nada fácil a nossa afirmação histórica e cultural como parte fundamental e indelével da restante nação. Diria um dia Miguel Torga, apesar de ter confundido a nossa largueza de vistas marítimas a oeste com seu encerramento serrano a norte, que não reconhecera ou concebia Portugal sem os Açores. Se Portugal teve única e exclusivamente uma missão marítima e globalizante após a consolidação do território das

suas origens, as ilhas atlânticas foram a primeira concretização de todo o projecto de Quatrocentos, com a mudança experimental e depois permanente de gente e civilização, a meio de rotas e marés que de outro modo teriam sido muito mais perigosas e comprometedoras. Cá estamos quinhentos anos depois continuamente a tentar explicar ou, muito mais enfurecedor ainda, a justificar a nossa existência no mosaico territorial e humano no pequeno país. Levou muitos séculos para nomearmos o que que nos aconteceu e nos moldou como povo – açorianidade, que nada mais é do que a portugalidade redonda e reencontrada no fecho ou na abertura dos seus pontos diversos, a nossa representação artística nesse mesmo palco agregador oferecendo, a quem quiser ver, ouvir ou ler, outra imagem de como uma limitada cultura e



língua nos seus primórdios se tornaria verdadeiramente mundial e conseqüente entre todos os outros. Só uma mente diminuída confunde tamanho com inteligência, cidade com criatividade, metrópole com beleza. Num encontro literário de projecção nacional, Onésimo Teotónio Almeida a dado momento dirige-se a dois escritores caboverdianos aí presentes, aludindo ao seu recente reconhecimento e valorização em Lisboa, ao contrário da escandalosa arrogância (esta frase é minha) que os açorianos, e madeirenses, têm de sofrer constantemente quando se trata dos nossos livros ou da nossa arte em geral

“Vi-me na necessidade – escreve o autor, após um interveniente nas Correntes d’Escrita da Póvoa de Varzim dizer a Germano de Almeida e Corsino Fortes que era pena o seu país não se ter mantido como região autónoma de Portugal – de lembrar que na história há cortes inevitáveis e, voltando-me para os amigos e escritores caboverdianos, acrescentei: ‘Mantenham-se como estão, que estão bem. Assim têm o reconhecimento de Portugal, que até vos convida regularmente para estes acontecimentos culturais. Fizessem vocês ainda parte do território nacional e não apareceriam aqui porque em Portugal o território não se quer dividido, a regionalização é perigosa e, além do mais, apregoa-se que quem é bom aparece em Lisboa. Mesmo na literatura’”.

Minima Azorica funciona, para mim, como um segundo volume de Açores, Açorianos, Açorianidade, publicado originalmente em 1989, e a segunda edição, com um alargado prefácio que actualiza nomes, títulos e questões, em 2011. O autor restringe-se aqui a um distinto grupo de escritores das nossas ilhas, uns falecidos há tempos longínquos, outros já nos nossos dias, e que para além da sua escrita deixaram-nos quase sempre um rasto luzidio de amizade, afecto e companheirismo no sempre áspero mundo das letras. De Antero de Quental ao seu mais distinto biógrafo José Bruno Carreiro, de Vitorino Nemésio a Arruda Furtado e José Enes, de Dias de Melo, Daniel de Sá e Pedro da Silveira a José Martins Garcia, o autor vê e revê não só as obras em questão como acima de tudo os contextos que, de um modo ou outro, influíram na vida e obra de cada um destes escritores e poetas, apontado ainda, uma vez mais, o que lhes coloca num quadro nacional ou internacional da literatura e pensamento histórico-filosófico, dando larga reflexão à questão da geografia e origens que lhes haviam de formar a personalidade e cosmovisão, relembra-nos as mundividências que inevitavelmente seriam texto ou subtexto nos legados literários que deixaram à sua região e ao seu país, ao universo das letras em geral. Onésimo Teotónio Almeida precede toda a sua revisitação a estes nomes, obras e circunstâncias geobiográficas, por assim dizer, com outros ensaios em que aprofunda alguns textos anteriores sobre a açorianidade e o acto de criação neste arquipélago, lançando ou re-contextualizando novos dados e exemplos pertinentes na clarificação das suas afirmações em tudo que diz respeito à literatura e cultura açorianas. Permitam-me anotar aqui o que mais me impressiona na narrativa crítica que efectivamente são estes textos, todos eles lidos em vários congressos e encontros literários, e depois publicados em periódicos especializados – o tom sereno da sua linguagem como quem

já nada tem a justificar perante seja quem for quanto à legitimidade histórica e estética da nossa escrita, mas sem deixar, como já vimos na citação anterior, de cravar as farpas imaginárias nas mentes nada menos fantasiosas no seu falso saber ou pretensiosidade intelectual. O leitor conhecedor da obra do autor não se vai surpreender com qualquer reparo que ele faça aqui aos de casa e aos de fora, simplesmente dirá, concordará, que os suspeitos das habituais exiguidades ou vazios intelectuais terão sempre a sua resposta, pois nada menos do que as várias identidades arquipelágicas, a sua dignidade de povo autónomo, a verdade do seu passado, estão em causa. Os poucos ou muitos que nos leram e lêem no além-fronteiras sabem quem somos, e das raízes de onde partimos para o mundo. São os de casa, os da nossa rua mesmo, que ainda não descobriram a história que subjaz o seu próprio ser, e acima de tudo os que no resto do país nunca abriram um único livro que limpe de uma vez por todas a sua tábua rasa e respectivo complexo provinciano num mundo que imaginam ser de gigantes de toda a espécie, particularmente no além-Pirenéus. Que os Açores – e a Madeira — fazem parte de uma vasta e rica geografia de gente espelhada num complexo cenário artístico pluri-continental e arquipelágico, que vai muito além das suas origens ibéricas, pouco ou nada lhes diz. As linguagens de Minima Azorica são esse equilíbrio de quem já não se preocupa em convencer, uma vez mais, seja quem for, pois, como dizia José Saramago, isso até poderá ser um outro tipo de colonização mental do outro, mas nunca esquece que a nossa afirmação no mundo passa também por negar a mentira e a insolência desse mesmo outro.

De Nemésio e dos seus pares ilhéus já muito se disse, mas o autor de Minima Azorica encontra sempre um novo ângulo ou perspectiva pela qual poderemos rever a grande obra do terceirense, assim como a dos outros escritores e poetas aqui presentes. Algumas das páginas mais significantes deste livro terão a ver com um nome cuja obra literária e filosófica são de um grande alcance simultaneamente açoriano e, logo, como quase sempre, nacional. Trata-se aqui de José Enes, cuja biografia é longa e importante demais para este espaço de linhas contadas. Bastará dizer que ele foi um dos primeiros, a seguir a Nemésio, na descoberta da grandeza e profundidade da poesia de Roberto de Mesquita, que a sua própria poética, Água do Céu e do Mar, é uma maravilhosa escavação da sua e nossa açorianidade, que a sua tese de doutoramento defendida em Roma, À Porta do Ser, nas vozes mais qualificadas do nosso país, é um contributo quase sem igual ao pensamento filosófico em língua portuguesa, para nem sequer mencionarmos o seu papel no Seminário de Angra como mentor de toda uma geração a que pertence Onésimo Teotónio Almeida, e dinamizador dalgumas das melhores folhas literárias e culturais publicadas em suplementos nos jornais locais durante os nossos anos de chumbo e descrença, em que as Semanas de Estudo dos Açores ficarão para sempre como um ponto de viragem na nossa memória colectiva. A sua marginalização no debate cultural portas adentro, e muito mais ainda lá fora, é um desses fenómenos sem explicação razoável, uma ironia da sua sorte.

Termino com as palavras de um amigo comum sobre este novo



livro de Onésimo Teotónio Almeida, o reconhecido guitarrista clássico Victor Castro que, como bom açoriano, pegou e andou há tempos para o Maranhão, no Brasil. “Espero – escreveu-me ele numa entrada sobre *Minima Azorica*, numa rede social – que esgote em dois tempos, que é também o valor de uma mínima, se o compasso for 4/4, por exemplo”. Não sei bem o que significa isto numa pauta, mas suspeito que é muito bem dito em relação à questão aqui em foco.

[Vamberto Freitas. Texto da apresentação pública, Ponta Delgada, 10 de Dezembro de 2014]

“A açorianidade é a açorianidade de cada um.” (pág. 32)

Onésimo Teotónio Almeida

Onésimo Teotónio Almeida continua a publicar livros com espantosa regularidade.

Para recensar o seu último livro, *Minima Azorica* (Companhia das Ilhas, 2014), e perceber a adaptação do título feita a partir de *Minima Moralia*, li, com interesse, esta obra de Theodor Adorno, que apresenta, entre outros, o seguinte dilema: o escritor acaba por perceber que quanto mais se exprime de modo preciso, consciencioso e adequado sobre um assunto, tanto mais o resultado literário é considerado difícil, enquanto que, à medida que faz formulações frouxas e irresponsáveis, é recompensado por uma certa compreensão.

De algum modo, e *mutatis mutandis*, este também tem sido o dilema de Onésimo, mais conhecido pelas suas crónicas (que ele classifica de “ensaios em mangas de camisa”) do que propriamente pelos seus ensaios filosóficos que constituem, sem dúvida, a sua obra mais sólida, consistente e consequente. Com efeito, Onésimo é autor de importantes ensaios nos seguintes domínios: Modernidade, Mundividências, Identidade Portuguesa, Mitos da Cultura, Tradição Filosófica Anglo-Americana, Ciências Sociais, Ideologias, Valores, Ética, Lógica, Tradição Racionalista, Metafísica, Epistemologia, Pragmatismo, entre outros. Contracorrente em muitas áreas, Onésimo privilegia a Filosofia Analítica e dá muita atenção à Empíria. Mas também se interessa pela História e pela Ciência. Acima de tudo gosta de sínteses, e não se cansa de aprofundar o tema da Identidade Portuguesa, sendo estudioso acérrimo da história cultural, do imaginário e da tradição literária dos Açores.

Pensador livre e frontal, vagamundo e viajante infatigável (“globe-trotter”), embarcado (homo errabundus) e homem de todos os lugares (homo universalis), mestre do humor e da dialéctica, interlocutor precioso e minucioso, conversador inveterado, impenitente grafomano em permanente diálogo com o seu tempo e dotado de uma curiosidade insaciável, Onésimo é fogo de rajada e é a inquietação de um desassossego criativo. Escritor atento ao real e ao risível das coisas, há, neste “autor et actor”, uma capacidade de vibrar com as suas sensações e a dos outros, e de tudo olhar com espírito crítico. E fá-lo, quase sempre, com doses q.b. de ironia, sua trademark. (A ironia é para ele uma intenção). Nesta matéria, considero Onésimo um jouisseur que faz do ato

estético um jogo cerebral e vice-versa. Ele diverte-se e diverte-nos, faz-nos rir e ri de si próprio, tendo como base, para lá da ironia e do humor, uma sólida formação cultural (ou saber plural, como agora se diz). Porque há uma cultura e um humor que escreve Onésimo. E uma mundividência que o caracteriza. De resto ele faz jus à origem do seu nome: Onésimo é de origem grega e significa “útil” e “proveitoso”. Com efeito, ele sempre nos foi útil e proveitoso, sendo de uma grande generosidade para com aqueles que lhe solicitam os mais diversos tipos de apoio.

Ora, o título *Minima Azorica* remete-nos justamente para uma assumida ironia. Há coisas “mínimas” e “sem importância” que podem ser “mínimas” e “sem importância” para muitos, mas que têm muita importância para Onésimo. Daí que, “testemunha de um dialogue intérieur”, este livro tenha como propósito “demonstrar gratidão e lealdade” e seja dedicado à memória de autores com quem Onésimo conviveu e de quem colheu abundantes ensinamentos: Daniel de Sá, Dias de Melo, Emanuel Félix, Fernando Aires, José Enes, José Martins Garcia, Natália Correia e Pedro da Silveira.

O subtítulo, “O meu mundo é deste reino” dialoga com “O meu reino não é deste mundo” (palavras de Jesus Cristo na presença de Pilatos), e “O meu mundo não é deste reino”, o romance de João de Melo.

Minima Azorica reúne um conjunto de ensaios de Onésimo, escritos entre 1994 e 2014, e que se encontravam publicados em livros colectivos, revistas e publicações de vária ordem. Alguns desses textos foram lidos em colóquios e noutros fóruns de debate, sendo que dois são inéditos. Agora reunidos, formam um todo e lançam (novos) olhares sobre os autores acima referidos (a que se acrescentam Arruda Furtado, Antero de Quental e José Bruno Carreiro), bem como sobre questões ligadas à açorianidade, à tradição, cultura e imaginário dos Açores, não deixando de estar, neste livro, a pedra de toque da ensaística onesiminiana: Valores e Mundividências.

Bem informado e melhor apetrechado em termos teóricos, Onésimo, exegeta sagaz, possui essa capacidade de pensar, de forma profunda e acutilante, a partir de factos aparentemente banais. Autor da reflexão crítica e da teorização estética, este professor e investigador universitário faz trabalho teórico, científico e académico de forma *sui generis*. Ele é um filósofo que pensa em metáforas. Um cronista (sempre de câmara fotográfica em punho) que gosta de contar histórias. Um ficcionista de livre navegação que despreza a aridez teorizante e olha o livro como acto vivido. Um poeta de “prosemas”. O resultado salta à vista: a escrita Onésimo é sempre contagiante e sedutora, didáctica e pedagógica. E isto porque o que ele escreve resulta de experiências vividas e sentidas. Isto é, o seu discurso é criação, descoberta e aventura constante no mundo das ideias. E depois ele possui esse dom de conciliar um método rigoroso (que integra as aquisições mais recentes da crítica e do ensaísmo) com uma manifesta capacidade criadora.

Se o pensamento de Onésimo é profundamente português, a sua metodologia de análise é estruturalmente anglo-americana.



Quero com isto dizer que este autor não é dos que usam palavras a mais para esconder ideias a menos... Bem pelo contrário: ele dá forma e expressão ao que sente e pensa, sem aparatos académicos, esquivando-se a hermenêuticas, escrevendo num português vivo e escorreito, em estilo limpo, de grande elegância lexical, e com uma muito bem conseguida articulação das ideias. Veja-se, por exemplo, o rigor com que clarifica a identidade cultural dos Açores; as reflexões que faz no contexto mais vasto da cultura portuguesa, confrontando também a cultura europeia e norte-americana; ou a forma como, partindo do conceito (subjectivo) da “açorianidade” do intuitivo Nemésio (“corsário das palavras”, lhe chama na página 69), ou seja, da geografia e sua influência na psique humana, é assertivo ao afirmar, a provar e a comprovar que o factor geográfico, longe de ser exclusivo, é importante para explicar as nossas diferenças culturais.

Do que mais gostei neste livro? Sem dúvida dos olhares que Onésimo lança aos autores a quem dedica o livro e da “crítica afectuosa” que afectuosamente faz às obras por eles escritas. E, a propósito, é verdadeiramente espantoso o retrato que traça da vida e obra de José Enes, seu professor e maître à penser nos aggiornatos tempos do Seminário Episcopal de Angra.

Estejamos atentos porque vêm aí mais obras de Onésimo – esse “corisco mal amanhã” que tem o vírus da escrita e o ouvido afinado pela oralidade.

(Victor Rui Soares, texto da apresentação pública, cidade da Horta, Ilha do Faial, 8 de Novembro de 2014)

Para este dia 2 de Março, nesta página Leituras do Atlântico, tinha de fazer uma referência, em jeito de respeito histórico e humilde homenagem, à efeméride que assinala os 120 anos do Decreto que instituiu a Autonomia Administrativa dos Açores. E veio parar-me às mãos, esta semana, com dedicatória e tudo, o *Minima Azorica* – O meu mundo é deste reino, de Onésimo Almeida, que começa precisamente com um texto intitulado “Em busca de clarificação do conceito de identidade cultural – O caso açoriano como cobaia”, que foi escrito para o congresso comemorativo do primeiro centenário da Autonomia dos Açores, realizado na Universidade dos Açores em Fevereiro de 1995. Quando no campo político se tende, neste momento, reduzir a Autonomia a uma mera conta-corrente de deve e haver, este *Minima Azorica* é o contraponto do muito que vamos vendo porque nos conduz a um patamar de conhecimentos e apreciação da cultura açoriana, presente e passada, que nos seduz, cativa e responsabiliza.

Confesso que não sou apreciador de trocadilhos nos títulos dos livros que nos conduzem a outros títulos, porque me fica a sempre uma inquietante sensação de busca para perceber onde está a analogia ou o contraste entre eles. No caso deste, percebi-lhe, de imediato, o alcance. De facto, para o Onésimo Almeida, “o meu mundo é deste reino”. Os Açores são presença universalizante em toda a sua obra e no caso desta, traça-se uma linha

de pensamento e reconhecimento em que cabe, nas duzentas e poucas páginas do livro, o desfiar de séculos de autores e literatura açoriana.

Ainda não consegui ver Onésimo Almeida como escritor, apesar de já ter lido (alguns repetidamente) livros sem conta por ele escritos. O Onésimo é para mim, o Professor que nunca deixa de o ser, o Filósofo, com saber e conteúdo que faz dele uma referência que ultrapassa todas as fronteiras, o comunicador por excelência, capaz de se fazer escutar horas seguidas, sem nenhum cansaço dos ouvintes e que, por isso mesmo projecta na sua escrita um riquíssimo sentimento de oralidade, de tal forma que, lendo os seus livros, estou sempre a ouvi-lo falar, como se ele estivesse ali ao meu lado, doseando ensinamentos com improvisadas narrativas de histórias vividas e sentidas, como só a sua prodigiosa memória é capaz de guardar.

Este *Minima Azorica* é de máximo açorianismo e a antítese aqui não é hipérbole. Se quisermos falar de mínima, figura musical, a tal que nos compassos simples vale um tempo, então estamos perante uma sinfonia a vários andamentos num palco onde todos os que pensam são protagonistas.

Ler Onésimo não é fácil, porque são tantos os títulos editados, são tantas as presenças em diversas publicações, conferências, congressos e simpósios que ninguém pode acompanhar o ritmo que ele imprime à sua maneira de estar no mundo cultural. Por isso mesmo, livros como este, que são reposições de conferências, de prefácios e outras intervenções, são o melhor meio de seguirmos o *Pensamento do Autor*, um pico-pedrense que em Angra era micaelense, em Lisboa açoriano, na Europa português, na América europeu e na China ocidental. E nesta universalidade do ser, em Onésimo, cabe uma coisa muito importante, que muito me toca e que me faz gostar cada vez mais dos seus livros: a amizade, o carinho e o respeito que nele transpira quando fala dos outros. Veja-se apenas isto: Onésimo dedica este livro à memória de Daniel de Sá (hoje é dia do aniversário de nascimento -1944 – do autor de Ilha Grande Fechada), Dias de Melo, Emanuel Félix, Fernando Aires, José Enes, Martins Garcia, Natália Correia e Pedro Silveira, “uma plêiade de saudosos ausentes com quem convivi e de quem aprendi, em proporções diferentes tal como diverso foi o grau de estima e amizade que a cada um individualmente me uniu”. Eu podia acrescentar aqui que, nesta galeria, com quase todos contactei e a todos me curvo com respeito e admiração. Nos diversos capítulos deste *Minima Azorica* perpassa a análise da obra deixada por muitos deles, incluindo Nemésio, Antero de Quental, Arruda Furtado e outros.

Como referi acima, Onésimo Almeida – se algumas vezes o trato por “O Onésimo” é porque não consigo dissociar-me dos 8 anos em que na mesma Casa Santa Mimosa estudámos em Angra – não deixa nunca de ser o Professor. E por isso mesmo, inclui neste livro um interessantíssimo capítulo que em poucas linhas se torna um belíssimo e original “Guia da Literatura Açoriana”. Tal capítulo tem o sugestivo título “tudo o que quis saber sobre a Literatura Açoriana mas nem imaginava como perguntar”. Trata-se



da resposta a um desafio que lhe foi lançado por José Manuel Rebelo, antigo presidente da Casa dos Açores do Norte. Onésimo parte de hipóteses do gosto de cada um, numa forma básica e simples, para indicar e sugerir livros que são referência obrigatória para o conhecimento da literatura açoriana. E há para todos os gostos, desde a etnografia, poesia, romance, viagem, conto e crónica, de escritores açorianos, dos que escreveram sobre os Açores e até dos que têm obras que não se referem aos Açores. Este não é um apontamento crítico sobre o livro, com chancela da Companhia das Ilhas, e nem tento explicar o seu conteúdo, enriquecido com um acervo de notas e riquíssimo índice analítico, por si mesmos suficientes para nos despertar e aguçar a curiosidade por mais ler e mais saber. Mas seja-me permitido destacar dois textos que me tocaram de forma especial. Falo do capítulo “Sobre o retrato dos micaelenses – de Arruda Furtado e não só”, um brilhante prefácio para um álbum de fotografias antigas de São Miguel e de um outro com várias leituras possíveis: “As ilhas e os Mundos, Literaturas & Literaturas”. Há aqui um manancial de recados e pensamentos que deviam ser lidos por quem de direito. A história do tratamento que Portugal dá aos países lusófonos ao lado do que dá às Regiões Autónomas, em matéria de reconhecimento e de presença em acontecimentos culturais e literários é simplesmente de antologia. Só não a transcrevo aqui, porque acho que deve ser lida dentro do contexto em que foi contada.

Por tudo isto, a que junto o abraço antigo e amigo do Onésimo, este é mais um livro que merece leitura. Simplesmente porque faz Pensamento!

PS - Já agora permitam-me concluir dizendo que com este “pico-pedrense dum corisco” os livros são como as cerejas...ora dele, ora sobre ele. Já estou à espera do “Onésimo, Único e Multimodo” organizado por João Maurício Brás, o mesmo autor da entrevista que deu origem ao “Utopias em Dói Menor”, também um inesquecível livro que li e sobre o qual escrevi aqui neste mesmo espaço.

(Santos Narciso, Leituras do Atlântico)

